

## **Sequência didáctica sobre as completivas finitas para o ensino de português como língua não materna<sup>1</sup>**

*Gaétan de Saint Moulin, Inês Gomes Oliveira e  
Maria Augusta Albano da Silva*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

### **1. Apresentação**

A sequência didáctica que elaborámos tem algumas especificidades atendendo ao público com que vamos trabalhar. Geralmente, os falantes de português europeu como língua não materna têm um objectivo particular: conseguir comunicar na língua alvo procurando ao mesmo tempo adquirir um certo grau de proficiência, o que também implica correcção. Acreditamos, portanto, que algumas explicitações são convenientes, apesar de estarmos conscientes de que muitas vezes as considerações gramaticais apenas têm lugar na sala de aula se se revelarem importantes para a comunicação na língua alvo.

Propomos portanto actividades contextualizadas de reconhecimento e de utilização da utilização da nossa estrutura – a subordinação completiva finita. O nosso trabalho propõe uma sequência didáctica de 4 sessões, cada uma de duas horas. Começamos com uma fase de observação da estrutura em uso na língua (sessão 1), continuamos com uma fase de conceptualização, onde especificamos alguns aspectos das completivas finitas (sessões 2 e 3) e terminamos com uma fase de produção, na qual os alunos reinvestem os conhecimentos adquiridos.

Ao longo da sequência, os alunos serão solicitados para ler, escrever e falar. A ordem da nossa sequência corresponde a uma dificuldade crescente: observar, conceptualizar, produzir uma estrutura contextualizada, e finalmente produzir livremente. Além disso, a nossa sequência efectua um “vaivém” entre a língua “em contexto” (sessões 1 e 4) e a língua na *oficina* da sala de aula (sessões 2 e 3), conforme se pode observar no Quadro1.

---

<sup>1</sup> Este projecto foi elaborado no âmbito do Mestrado em Linguística Portuguesa com programa orientado para a Linguística Educacional e contou com os comentários das Professoras Inês Duarte, Anabela Gonçalves e Isabel Leiria, a quem muito agradecemos.

	<b>Fases</b>	<b>Objectivo(s) da aula</b>	<b>Actividade</b>
<b>Sessão 1</b>	Observação	Identificar uma completiva finita	Ler <ul style="list-style-type: none"> <li>• um texto fabricado</li> <li>• um texto autêntico</li> </ul>
<b>Sessão 2</b>	Conceptualização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar que uma completiva é uma subordinada nominal</li> <li>• Mostrar que é o seleccionador que determina o modo na completiva</li> </ul>	Transformação de frases  Preenchimento de espaços
<b>Sessão 3</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostrar que as completivas podem ocupar diferentes funções sintácticas</li> <li>• Mostrar que existem completivas declarativas e completivas interrogativas</li> <li>• Mostrar o fenómeno de dequeísmo</li> <li>• Mostrar que o modo pode influenciar a interpretação referencial dos sujeitos dos dois verbos.</li> </ul>	Transformação de frases  Transformação de frases  Escolha múltipla  Responder a perguntas
<b>Sessão 4</b>	Produção convergente e divergente	Fazer os alunos reinvestir o conhecimento adquirido.	Escrever e falar

Quadro 1: Esquema da Sequência Didáctica

Esta sequência didáctica foi preparada para alunos de nível C1, de acordo com a tabela do Quadro Europeu Comum de Referência Para as Línguas (2001) (QECR). A estrutura da complementação finita pode também ser abordada no nível C2, o sexto nível do QECR, que corresponde também ao mais elevado. Foi também preparada para um público heterogéneo, com línguas maternas diversificadas e falantes de outras línguas como línguas não maternas e que têm um conhecimento implícito de muitas das estruturas que vão ser abordadas.

Parce evidente que enunciados do tipo “Acho que..., penso que...” são produzidos muito cedo, logo na primeira fase de contacto com a língua alvo. Mas podemos pensar que este item é então utilizado como um item lexical introdutor de uma frase, sem consciência da formação de uma frase complexa. Outras completivas finitas (com conjuntivo, com uma função de sujeito ou oblíqua...) são mais complexas e são adquiridas muito mais

tarde. A nossa sequência aparece no fim do percurso do aluno, levando-o a tomar consciência do que em grande parte já sabe e a apreciar o funcionamento desta estrutura como um todo.

Assim, consideramos como pré-requisitos para as unidades didáticas que planeámos :

- a) A morfologia verbal no conjuntivo;
- b) As frases complexas adverbiais e relativas;
- c) Distinguir funções sintácticas de base (sujeito, objecto directo, objecto indirecto, adjunto), sejam os alunos capazes ou não de as explicitar.
- d) Transformação do discurso directo em indirecto e vice-versa.

Estamos conscientes de que nem todos têm uma forma idêntica de se relacionar com a língua, sendo assim o grau de explicitação disponível muito variável. Não vamos, portanto, pedir aos nossos alunos que atribuam uma categoria sintáctica a uma estrutura, mas apenas que identifiquem semelhanças e diferenças entre estruturas. Utilizaremos categorias no lugar de nomenclaturas específicas, não insistindo na metalinguagem. Sejam capazes ou não de as descrever, parece imprescindível que adquiram as estruturas dos vários tipos de completivas para as reconhecer e produzir.

## **2. Guião 1 – Fase de Observação**

Nesta primeira fase o objectivo é fazer com que os estudantes obtenham uma ideia do(s) formato(s) das completivas finitas e que sejam capazes de as distinguir de outras subordinadas.

### **2.1. Um pequeno texto fabricado**

“O Sr. João sabia que o seu neto vinha no comboio das seis. Na estação, depois de esperar que todos os passageiros saíssem, surpreendeu-o que o Luís não tivesse chegado.

Dirigiu-se ao revisor e perguntou-lhe se não havia mais ninguém no comboio.

O revisor lembrou-se de que ainda não havia feito a última inspecção e de que aquela era a estação terminal.

Foi nessa altura que reparou que na secção de primeira classe um jovem dormia tranquilamente, mas não estava sozinho. Uma jovem com um rosto de criança dormia silenciosamente e parecia que sorria e sonhava com um mundo maravilhoso.

É verdade que o Sr. João tomou uma atitude sensata, e é evidente que o revisor lhe ficou profundamente grato.

Acontece que os jovens saíram da carruagem envergonhados e atordoados de sono.”

O exercício do aluno consiste em completar o quadro seguinte:

Completiva	Núcleo que a selecciona	Introdutor
Que o seu neto vinha no comboio das seis	Sabia	que
<i>que todos os passageiros sássem</i>	<i>Esperar</i>	<i>Que</i>
<i>que o Luís não tivesse chegado</i>	<i>Surpreendeu-o</i>	<i>Que</i>
<i>se não havia mais ninguém no comboio</i>	<i>Perguntou(-lhe)</i>	<i>Se</i>
<i>de que ainda não havia feito a última inspecção] e [de que aquela era a estação terminal</i>	<i>Lembrou-se</i>	<i>de que</i>
<i>que na secção de primeira classe um jovem dormia tranquilamente, mas não estava sozinho</i>	<i>Reparou</i>	<i>que</i>
<i>que sorria e [sonhava]</i>	<i>Parecia</i>	<i>Que</i>
<i>que o Sr. João tomou uma atitude sensata</i>	<i>(É) verdade</i>	<i>que</i>
<i>que o revisor lhe ficou profundamente grato</i>	<i>(É) evidente</i>	<i>Que</i>
<i>que os jovens saíram da carruagem envergonhados e ainda atordoados de sono</i>	<i>Acontece</i>	<i>que</i>

Quadro 2 – identificação de completivas

Podemos desde já observar que:

- Uma completiva é introduzida por *(de) que* ou *se*<sup>2</sup>;
- Pode ocorrer o modo indicativo ou o modo conjuntivo;
- Pode ocorrer depois de um verbo, de um nome ou de um adjetivo;
- Uma frase completiva aparece numa frase complexa (é uma subordinada).

<sup>2</sup> A estrutura binária da completiva pode ser mostrada através da substituição da frase encaixada por sim ou não. "Disseram que sim, disseram que não."

## 2.2. Leitura de um texto maior, um documento autêntico

*A Física no Dia-a-Dia*, Rómulo de Carvalho

“Desculpe a pergunta: O meu amigo já viu alguma vez a sua cara?”

«Que pergunta disparatada! Se já vi alguma vez a minha cara?!...» dirá o meu amigo, como se não acreditasse no que acaba de ler.

«Ora essa! É claro que nunca vi a minha cara» (continuará a pensar) «olhando para ela directamente. O mais que poderei conseguir é ver a ponta do nariz com um olho aberto e outro fechado. Mas não tenho dificuldade nenhuma em ver a minha cara toda, com olhos, nariz e boca, com orelhas, queixo e testa. Basta olhar para um espelho, e pronto. Aí está a minha cara».

Não posso duvidar da sinceridade das suas palavras, mas desculpe a insistência: tenho a impressão de que o meu amigo nunca viu a sua cara. Essa do espelho não me convence. Ora vá buscar um espelho, se faz favor, ou então vá lá dentro ao seu quarto olhar para o espelho.

O meu amigo vai começar por pegar numa folha de papel e escrever nela, por exemplo, o seu nome próprio, com boa letra, que se leia bem. Já está? Então agora vire o papel escrito para o espelho e olhe para o que escreveu e que lá está reflectido. Que lhe parece? Acha que o que está a ver no espelho é o nome que escreveu no papel? Então leia o que lá está. Acredito que seja capaz de ler porque já sabe o que lá escreveu e mesmo assim terá que ler da direita para a esquerda, que é o contrário do que costuma fazer quando lê directamente o que está escrito.

Não vale a pena gastar muitas palavras com o caso. O que o meu amigo está a ver no espelho não se apresenta igual àquilo que escreveu. Disso é que não tem dúvidas, com certeza. Pegue num jornal ou num livro aberto, vire-o para o espelho e leia o que está escrito mas olhando para o espelho. É capaz de ler? Está tudo ao contrário, não está?

Então olhe agora para a sua cara. Acha que estará a vê-la conforme ela é, ou que estará a vê-la “ao contrário”? Se isso aconteceu com o jornal e com o livro por que é que não há de acontecer com a sua cara? Tenha paciência e resigne-se por muito que lhe custe. Terá que se convencer que está vendo a sua cara “ao contrário”, e que foi sempre “ao contrário” que a tem visto desde que nasceu! As pessoas que olham para si, essas sim, é que sabem como é a cara do meu amigo. Até estou a pensar que, se se encontrasse a si próprio na rua, era capaz de não se conhecer!”

No final da leitura do texto, após algumas perguntas de interpretação sobre o mesmo, os alunos devem tentar identificar em conjunto construções completivas finitas. Provavelmente, os alunos irão aqui identificar não apenas as finitas, mas também adverbiais e relativas. Será uma tarefa do professor distingui-las. Uma vez separado o grupo das completivas, poder-se-á, tal como no exercício anterior, identificar o núcleo que as selecciona e o introdutor. Podemos então observar que as completivas são argumentos de constituintes da frase matriz e que o “*que*” das relativas tem um conteúdo referencial, enquanto o “*que*” das completivas não tem.

Assim sendo, no final da primeira sessão podemos concluir que uma completiva aparece numa frase complexa, introduzida por (*de*) *que* ou *se*, depois de um verbo, nome ou adjectivo.

### 3. Guião 2 – Fase de Conceptualização

Depois de estar assente o que são completivas finitas, vamos trabalhar a fixação de estruturas.

#### 3.1. Exercício 1

O primeiro exercício consiste em tentar substituir a oração subordinada completiva por um pronome, e tem como objectivo mostrar que as completivas finitas podem ser substituídas por um SN (ao contrário das adverbiais e das relativas).

Exemplo: Sabes que amanhã não há aulas?

Sabes isso ?

O menino que foi à praia comigo adoeceu.

\* O menino *isso* adoeceu.

Peço que me oiçam!

Peço \_\_\_\_\_ como um grande favor.

#### 3.2. Exercício 2

O segundo exercício consiste em transformar cada grupo de duas frases numa única, e tem o mesmo objectivo do primeiro.

Exemplo: Na reunião concluímos isso.

É preciso aumentar o número de salas.

*Na reunião concluímos que é preciso aumentar o número de salas.*

Declaro-o.

A sessão está terminada.

#### Repare que...

Uma completiva pode ser substituída por um SN

Pensei *nisso*. (Podia levar-te à escola.)

→ Pensei *que podia levar-te à escola*.

Enquanto, como sabe, as relativas podem ser substituídas por adjectivos :

Um *bom* aluno sempre tem boas notas. (Um aluno estuda com assiduidade.)

→ Um aluno *que estuda com assiduidade* sempre tem boas notas.

#### 3.3. Exercício 3

No terceiro exercício trabalhamos a escolha do modo do verbo que ocorre na completiva finita, pedindo aos alunos que escolham entre o indicativo e o conjuntivo. Antecipadamente, é fornecido aos alunos um quadro que explicita os contextos em que ocorre um ou o outro modo (Quadro 3 – Anexo I).

Exemplo: Acontece que o Paulo amanhã não pode vir (poder vir) !  
 Parece que o Paulo amanhã não pode vir (poder vir) !  
 Lamento que o Paulo amanhã não possa vir (poder vir) !  
 Basta que o Paulo amanhã não possa vir (poder vir) para haver problema!  
 Acho que ela não \_\_\_\_\_ (gostar) muito de trabalhar.  
 Eu penso que ela não \_\_\_\_\_ (gostar) muito de trabalhar.  
 Eu sei que ela não \_\_\_\_\_ (gostar) muito de trabalhar.  
 A Paula disse que a Joana não \_\_\_\_\_ (gostar) muito de trabalhar.

#### 4. Guião 3 – Fase de Conceptualização (algumas especificidades das completivas finitas)

##### 4.1. Exercício 4

Com o quarto exercício pretende-se que os alunos substituam o constituinte sublinhado por uma completiva finita e tem como objectivo consciencializar os alunos de que a completiva finita pode ter várias funções sintácticas.

Exemplo: [ O Paulo ] surpreendeu toda a gente.

↑  
 [ Isso ]  
 [ \*Os meninos ]  
 [ O menino ]  
 [ Que o Porto ganhasse a Taça UEFA ]

A Ana sabe [ a verdade ].

↑  
 [ -o ]  
 [ que o Porto vai ganhar ]  
 [ isso ]

O fumo do tabaco incomoda-me.

---

Quero os trabalhos de casa feitos hoje!

---

##### 4.2. Exercício 5

Este exercício consiste em transformar um diálogo em discurso indirecto levando o aluno a produzir completivas declarativas e interrogativas, reutilizando o material lexical da sequência.

Paulo: O Lisender já viu a sua cara?

Lisender: A minha cara?

Paulo: Sim! Consegue ver a sua própria cara?

Lisender: Que pergunta tão disparatada! Claro que já vi a minha cara, no espelho!

Paulo: Então veja lá as letras deste jornal no espelho... Consegue ler o que está escrito?

Lisender: Pois, não consigo... Está tudo ao contrário.

Paulo: Claro! Portanto, também a sua cara está ao contrário no espelho... Sempre viu a parte direita da sua cara à esquerda e a parte esquerda, à direita!

Lisender: Isso é verdade?! Não me vê como eu me vejo??

Paulo: Não! Porque a sua cara não é perfeitamente simétrica!

Lisender: Que horror!

#### 4.3. Exercício 6

O sexto exercício tem como objectivo mostrar que há contextos em que os falantes nativos podem introduzir ou retirar a preposição que precede o complementador (correcta ou incorrectamente) e consiste no seguinte: em cada grupo de três frases o aluno tem de escolher entre a frase b) e a frase c), sabendo que a frase a) está correcta.

Exemplo: a) Lembra-te da mochila!

b) Lembra-te de que amanhã há aulas!

c) Lembra-te que amanhã há aulas!

a) Tenho consciência de ser trabalhadora.

b) Tenho consciência de que sou trabalhadora.

c) Tenho consciência que sou trabalhadora.

#### 4.4. Exercício 7

O sétimo e último exercício desta fase tem como objectivo mostrar os problemas que podem surgir quanto à referência dos sujeitos dos verbos encaixados. Consiste na leitura e análise do seguinte diálogo:

*Uma sogra, na sua casa, está a falar com o seu genro. Estão à espera da mulher dele, a Ana.*

Sogra: Não acha que devia emagrecer?

Genro: Quem?

Sogra: A Ana.

Genro: Por quê? Eu gosto dela assim...

Sogra: Não quero que coma demais.

Genro: Não se preocupe com isso. Sempre estou ao lado dela.

Sogra: Pois... Lamento que não esteja mais tempo na minha casa.

Genro: Se calhar não reparou, mas casámo-nos!

Sogra: Bom... Não discuta. A propósito... A minha empregada disse-me que ela não está feliz consigo.

Genro: Espero que a mande embora!

Mulher: Já cheguei! Olá... Tudo bem?



### É bom saber que...<sup>3</sup>

- Em completivas de indicativo

Quando há uma ambiguidade possível quanto à referência do sujeito da completiva, temos que realizar um pronome sujeito (ele, ela,...). Assim, o sujeito da completiva tem uma referência disjunta do sujeito do verbo principal.

A sogra acha que devia emagrecer. → É ambígua

A sogra acha que ela devia emagrecer. → Já não é.

A empregada diz que não está feliz consigo. → É ambígua.

A empregada diz que ela não está feliz consigo → já não é.

- Em completivas de conjuntivo

Não há este problema, porque a referência dos dois sujeitos é sempre disjunta.

A sogra não quer que coma demais. → a referência do sujeito de comer não é *a sogra*

A sogra não quer que ela coma demais. → a referência do sujeito de comer não é *a sogra*

O genro espera que a mande embora. → a referência do sujeito de ir não é *o genro*

O genro espera que ele a mande embora. → a referência do sujeito de ir não é *o genro*

## 5. Guião 4 – Fase de Produção

A última sessão foi preparada de forma a ser mais leve e divertida. Dois ou três alunos fazem uma representação dramática de uma história (de preferência, uma história curta, p.e., uma tira de banda desenhada) que são depois contadas no discurso indirecto por um dos alunos que assiste à representação.

Propomos também um debate “à séria”, com divisão da turma em dois grupos, com cronometragem do tempo utilizado por cada grupo e em que o professor é o moderador. O tema será o mesmo do texto autêntico utilizado na primeira sessão.

## Referências

Mateus *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, 5ª ed.. Lisboa, Caminho, pp.593-656.

Prista, Luís (1992) Oito fichas de gramática [5.Tentar que digam que consideramos que]. In Maria Raquel Delgado Martins *et al.*, *Para a didáctica do português. Seis estudos de linguística*. Lisboa, Colibri.

*Quadro europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação* (2001) Ed. Conselho da Europa, Ministério da Educação/GAERI. Porto: Edições Asa.

<sup>3</sup> Material destinado aos alunos.

## Anexo I

<b>O verbo da completiva aparece no modo INDICATIVO</b>	
<b>Depois de verbos como...</b>	<b>Exemplos</b>
<i>acontecer, ocorrer, parecer, suceder</i> (Inacusativos)	Aconteceu que eu não sei a tua moradia.
<i>achar, acreditar, considerar, pensar, saber, supor</i> (epistémicos)	O João sabe que a Maria tem razão.
<i>Afirmar, concluir, declarar, dizer, jurar, prometer</i> (declarativos)	Eles afirmam que os resultados serão publicados hoje.
<i>investigar, pedir, perguntar</i> (de inquirição)	Perguntaram-nos se concordávamos.
<i>Ver, ouvir, sentir, olhar</i> (Perceptivos)	O João viu que o público aplaudia de pé o cantor.
<i>esquecer-se, lembrar-se, recordar-se</i> (alguns psicológicos reflexos)	Recordo-me que passávamos férias em Tróia.
<b>Depois de nomes e adjetivos como...</b>	<b>Exemplos</b>
<i>certo/certeza, claro, evidente/evidência, facto, nítido, óbvio, realidade, verdade, visível</i> (epistémicos sem preposição)	É evidente que ele te vai convidar para a festa.
<i>certo, ciente, consciente, sabedor, seguro, afirmação, conhecimento, conclusão, demonstração, prova</i> (epistémicos, com preposição)	Estamos seguros de que ela se qualificará para os Jogos Olímpicos de Sidney.
Depois dos nomes <i>facto, hipótese, ideia</i> , o conjuntivo também pode ocorrer, consoante o grau de certeza que o locutor atribui ao conteúdo da completiva.	Concordo com a afirmação de que o projecto foi uma desilusão. Não me agrada a ideia de que haja um novo governo. Não me agrada a ideia de que vai haver um novo governo.
<b>O verbo da completiva aparece no modo CONJUNTIVO</b>	
<b>Depois de verbos como...</b>	<b>Exemplos</b>
<i>aborrecer, agradecer, comover, contrariar, desagradar, desgostar, entristecer, impressionar, interessar, ofender, preocupar, surpreender</i> (Psicológicos)	Surpreendeu-os que as notas fossem tão elevadas.
<i>bastar, convir</i> (Inacusativos)	Basta que comuniqués pelo telefone o teu nh.
<i>dizer avec ce sens, ordenar, pedir, rogar, suplicar</i> (declarativos de ordem)	Os pais disseram aos miúdos que lhes telefonassem.
<i>achar bem, mal, detestar, gostar, lamentar</i> (psicológicos factivos)	Todos lamentam que tenha ocorrido uma cena dessas.
<i>Desejar, esperar, pretender, querer, tencionar</i> (volitivos e optativos)	Os professores esperam que o sucesso escolar aumente este ano.
<i>deixar, fazer, fazer_com, mandar</i> (causativos)	A Faculdade deixou que os alunos se matriculassem condicionalmente.
<i>autorizar a, opôr-se a, anseiar por</i> (Muitos verbos com preposição)	Fizes autorizaram-nos a que consultássemos o manuscrito raro.

<p><b>Depois de nomes e adjectivos como... Exemplus</b>  <i>agradável, angustiante, bom, estranho, impressionante, justo, lamentável, perigoso, simpático, trágico, fácil, urgente, útil, impossível, necessário, obrigatório, passível</i>  <i>Surpresa, problema, honra, possibilidade, hipótese, ideia, questão (sem preposição)</i>  <i>ansioso, contrário, propício, desejo</i>  <i>Necessidade, obrigação, possibilidade, hipótese, ideia, intenção (com preposição)</i></p>	<p>É surpreendente que o filme tenha ganho o festival.          Foi um problema que os finalistas não dominem conceitos gramaticais básicos.          Toda a equipa se mostrou receptiva a que as ténias cheguem depressa.          Existe a intenção de que seja dado maior apoio aos jovens atletas.</p>
<p><b>Repare que...</b></p>	<p>Penso que há aulas à tarde.          Não penso que haja aulas à tarde.          Penso que ele ainda esteja na faculdade a esta hora.          Imagino que queiras tomar um duche antes do jantar.</p>

Quadro 3 – Selecção do modo verbal nas completivas finitas. *Apud Mateus et al. (2003).*